



# A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos

*Psychology as mestizo  
knowledge: the multi-  
intersection of social  
practices and scientific  
concepts*

Arthur Arruda Leal Ferreira

Professor adjunto do Instituto de Psicologia – UFRJ  
Rua do Riachuelo, 169/405 – Centro  
20230-014 Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
arleal@antares.com.br

FERREIRA, A. A. L.: A psicologia como saber mestiço: o cruzamento múltiplo entre práticas sociais e conceitos científicos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 227-38, abr.-jun. 2006.

A meta deste trabalho é a utilização de alguns conceitos do antropólogo das ciências Bruno Latour visando pensar de modo positivo o conjunto das psicologias em sua dispersão. Não se buscará o julgamento das psicologias em termos da sua cientificidade, mas o entendimento das condições que conduzem a essa dispersão. Para tal, serão expostos alguns conceitos de Latour como o de Sistema Circulatório da Ciência (especificando as condições ou os circuitos internos e externos que tornam a ciência possível) e o de Constituição Moderna (fundada na tentativa de separação entre entes naturais e humanos). Esses conceitos ajudariam a pensar não apenas a especificidade do saber psicológico, como também as suas condições de possibilidade históricas, e efeitos de subjetivação contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: antropologia das ciências; história da psicologia; modernidade.

FERREIRA, A. A. L.: Psychology as mestizo knowledge: the multi-intersection of social practices and scientific concepts. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 2, p. 227-38, Apr.-June 2006.

*The article employs some of the concepts developed by the anthropologist of science studies Bruno Latour to undertake a positive examination of the wide variety of existing psychologies. The purpose is not to judge the scientificity of these psychologies but to understand what led to their dispersion. Some of Latour's concepts are described, such as "circulatory system" (specifying the conditions or internal and external circuits that make science possible) and "modern constitution" (grounded in an attempt to separate nonhumans and humans). These concepts are useful in exploring not only the specificity of psychological knowledge but also its historical possibilities and the effects of contemporary subjectivation.*

KEYWORDS: anthropology of sciences; history of psychology; modernity.

Quem depara com algumas peculiaridades do saber psicológico não pode deixar de se colocar algumas destas questões:

- 1) Por que existem tantas psicologias (sistemas, projetos, escolas, teorias, hipóteses, orientações práticas, marcas autorais etc.), não concordando os psicólogos nem quanto à definição da psicologia?
- 2) Por que não ocorre, como nas ciências naturais (ou duras), o predomínio de um projeto científico sobre os demais, ou mesmo a refutação de uma das tendências presentes no espaço psicológico, em que esta se mostre falsa, ou ao menos ineficaz?
- 3) Por que neste espaço proposições com condições e conseqüências tão opostas se sustentam, ainda que o apelo à investigação empírica seja tão rigoroso e extenso como nas ciências naturais?
- 4) Por que as psicologias, mesmo as que buscam uma fidelidade mais estrita aos cânones das ciências naturais (quanto a seus métodos e seus modelos), não são sempre reconhecidas por estas, nem pelas epistemologias que as sancionam?
- 5) Por que as práticas psicológicas mais diversas, positivadas em investigações empíricas das tendências mais díspares, se sustentam, ainda que apontem para as técnicas e finalidades mais divergentes?
- 6) Por que todas as psicologias conseguem colher provas empíricas, práticas e argumentativas contra as demais e a favor de si?
- 7) Por que os psicólogos não resolvem estes impasses ao tomar conhecimento de novas epistemologias, modelos e metodologias científicas, uma vez que em nenhum outro saber se discute tanto sobre epistemologia, metodologia, ou modelos científicos?

Enfim:

- 8) Por que a psicologia tende a satisfazer seu público, dividir cientistas, filósofos e epistemólogos, e conduzir as suas partes ao conflito?

Estamos mais próximos da cartografia de um arquipélago, de uma confederação sem centro de sistemas, escolas, pequenas teorias e práticas dispersas do que do mapa geopolítico de uma nação-continente unificada por um projeto comum, como a chinesa, por exemplo. O que sustenta essa dispersão psicológica sob um mesmo nome? Deve-se ressaltar que não se trata aqui de divergências teóricas e metodológicas pontuais no interior de um mesmo projeto – como a discussão física sobre a natureza da luz, se esta é onda ou partícula –, mas da própria definição do que é psicologia, da coabitação nesta de projetos antagônicos. Retomando uma metáfora geopolítica, é como se numa federação, cada estado pudesse se dar a sua própria representação de uma nação, desconsiderando qualquer controle político central, e em fran-

ca tensão com os demais. Algo muito semelhante ao desmembramento da antiga União Soviética ou da Iugoslávia, ao longo da década de 1990. O que conduz a psicologia a essa curiosa configuração epistêmica?

Recusando uma abordagem epistemológica, centrada na discussão sobre a cientificidade da psicologia, será utilizado o trabalho de Latour para demarcar não apenas a especificidade do saber psicológico em contraste com as demais ciências, mas também as suas condições de possibilidade históricas. Contudo, um problema inicial: no conjunto de trabalhos assinados por Latour, a psicologia tem papel de coadjuvante, sendo não muitas as suas referências,<sup>1</sup> possuindo em geral um caráter bastante problematizador. O que justificaria, então, a presença de Latour como interlocutor nesta compreensão da diversidade das psicologias? Justamente por tratar de dois temas relevantes para a resposta das questões propostas inicialmente: 1) a definição das condições necessárias ao conhecimento científico, especificado em seu “modelo circulatório” (Latour, 2001); e 2) a determinação das “condições de possibilidade” desse conhecimento, contidas no projeto de uma modernidade impossível, notadamente no seu projeto de cisão entre dois entes purificados – Ser Humano e Natureza –, ou entre entes subjetivos e objetivos (Latour, 1994). Pode-se compreender a partir desse duplo esquema o surgimento, o lugar e o caráter paradoxal das psicologias, ao juntarem o que a modernidade separou e fazerem o conhecimento circular por vias muito diferentes das demais ciências. Passemos a um breve exame destes conceitos em Latour e da sua repercussão na compreensão da pluralidade da psicologia. Contudo, antes se fará uma breve exposição de algumas abordagens de Latour sobre a psicologia, destacando-se que o uso de seus conceitos será dado, aqui, de forma bem diversa.

<sup>1</sup> Podemos encontrar referências à psicologia nos seguintes textos de Latour: 1985, p. 8; 1991, p. 5-6; 1998b; 2002, parte II.

### **Bruno Latour e a psicologia: amostras de um diálogo tangencial**

Na fase inicial do trabalho de Latour na década de 1980, a psicologia entra no conjunto das referências que privilegiam grandes motores para se explicar a ciência como o espírito ou como modos de raciocínio, contra os quais são opostas as simples técnicas de visão. Apesar da referência aos trabalhos de Alexander Luria e Alexis Leontiev sobre o silogismo, o alvo privilegiado é Jean Piaget:

É um único preconceito imposto a tempos e contratempos e imposto à força a cada domínio estudado, por Lévi-Strauss aos selvagens, por Bachelard às ciências e por Piaget às crianças. Desde que os trabalhos empíricos permitem pôr em dúvida uma destas partes, as demais vêm a reboque ... é sempre o mesmo *ritornelo* fundador da epistemologia, a mesma tautologia: o pensamento racional é o pensamento racional ... Para se convencer

de que a epistemologia é um tigre de papel é necessário desalojar o seu preconceito de uma vez por todas. (Latour, 1985, p. 9, minha tradução)

A crítica à autonomia das estruturas cognitivas reveladas por Piaget através de seus testes é procedida por Anne-Nelly Perret-Clermont (citada por Latour, 1985, p. 8), que sustenta o desenraizamento do contexto material e social por parte das provas piagetianas. A simples modificação do contexto social modificaria uma estrutura em poucos minutos, “o que seria um defeito mortal para qualquer estrutura” (op. cit., p. 8).

Em um momento mais tardio do pensamento de Latour, este explora o debate procedido entre Elizabeth Roudinesco e Tobhie Nathan em torno da obra de Georges Devereux, criador da etnopsiquiatria (1998b). O que está em questão diz respeito à relação entre a psicanálise e as práticas curativas de outras culturas. Para Roudinesco, o projeto de Devereux seria o de apenas acrescentar aspectos culturais, ligados às crenças locais ao inconsciente enquanto um universal transcultural. Para Nathan, em pleno exercício do princípio de simetria, o inconsciente nada teria de universal; seria apenas um dos invisíveis como tantos outros, de outras tantas culturas. E com algumas desvantagens: a de ser completamente inconsciente, ou seja, invisível, secreto e incapaz de ser aludido por um ritual ou por um grupo organizado de pacientes. Outro problema é a sua suposta universalidade, e a pureza metodológica conseqüentemente envolvida em sua abordagem, afastando-se das técnicas tradicionais de cura baseadas em processos de influência, fabricação e manipulação de artifícios. Para Latour, o que se encontra em questão é a confiança nas práticas terapêuticas diversas ligadas à fabricação dos indivíduos, em contraposição ao projeto universalista, tipicamente francês, de absorção da alteridade cultural à menoridade das crenças, em oposição à verdade das ciências. E para os universalistas, nada haveria de mais assustador do que “eus fabricados artificialmente e publicamente no lugar do antigo projeto de emancipação dos sujeitos enfim libertos de suas correntes, por meio do conhecimento daquilo que os determina” (Latour, 1998b). Enfim, o velho projeto iluminista...

Saindo do quadrante da psicologia cabe um destaque para as ciências humanas, uma vez que Latour (1991, p. 5-6) entende haver, por parte destas, um esforço geral de diferenciação das ciências naturais, através da hermenêutica, num verdadeiro Pacto de Yalta da Ciência. Diferenciação considerada por este autor como equivocada, uma vez que mesmo na ciência mais dura a hermenêutica se encontra presente através da atribuição da significação experimental a qualquer evento estudado. Contudo, essa busca de diferenciação criticada por Latour parece dizer mais respeito às ciências

sociais e à história do que à psicologia. Nesta se encontra uma fuga maciça em direção aos modelos naturalistas, com raras exceções: a psicologia dos povos de Wilhelm Wundt – um fóssil na história da psicologia –, a psicologia histórica de Ignace Meyerson e Jean-Pierre Vernant, as psicologias humanistas, existencialistas e fenomenológicas, a psicologia histórico-dialética da escola russa de Lev Vigotsky e Alexander Luria – que ainda assim teria um componente naturalista, próprio da dialética marxista. Mesmo a psicologia social, como área de pesquisa, pouco teria de social, uma vez que fermentada em solo norte-americano através dos psicólogos gestaltistas alemães impregnados de modelos fisicalistas, como o da teoria de campo eletromagnético.

Esses textos são amostras da abordagem problematizadora de Latour com relação à psicologia. Em todos eles destaca-se uma posição purificadora e reducionista da psicologia, enquanto produto moderno. Outro texto que segue a mesma linha é *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches* (2002) que será apresentado no último item deste artigo. Contudo, o que se deseja demonstrar aqui é que se as psicologias fecham em seu projeto com a busca moderna de reducionismo e purificação, a sua prática singular e seu pluralismo lançam-nas em outras direções. É o que se buscará demonstrar no trabalho com outros conceitos de Latour.

### **Bruno Latour: o Sistema Circulatório das ciências**

Apesar de Latour descrever em vários trabalhos a especificidade do saber científico (conferir Latour, 1983, 1985, 1997 e 1998a), um texto será abordado em especial, “O fluxo sangüíneo da ciência: um exemplo da inteligência científica de Joliot”, presente na coletânea *A esperança de Pandora* (2001). Esse artigo será tomado como representativo, uma vez que condensa uma série de contribuições de outros trabalhos em um único modelo: o do “Sistema Circulatório”. E por que o trabalho científico é comparado ao “Sistema Circulatório”? É porque não faz o menor sentido perguntarmos apenas pelo “coração da ciência”, e não por todo o seu conjunto, o seu vasto e denso sistema de redes e capilaridades. Da mesma maneira que em nosso sistema circulatório não faz sentido nos perguntarmos se em essência ele é coração ou veias e artérias, nas ciências não devemos nos bastar apenas em sua rede conceitual ou no contexto social. Essa antiga querela, sustentada pelos historiadores da ciência no debate entre internalismo e externalismo, vai acabar concebendo o conhecimento científico ora como produzido a par de sua rede social, como idéias flutuando no céu (internalismo), ora como um mero fenômeno coletivo, sem entender a especificidade das ciências (externalismo).

Tentando superar esse muro de Berlim entre internalistas e externalistas (e entre ciência e sociedade) é que Latour irá propor o

seu “Sistema Circulatório”, composto por uma série de circuitos, como: 1) “Mobilização do mundo”, ou o conjunto de mediações aptas a fazer circular os não-humanos através do discurso (instrumentos, levantamentos, questionários e expedições); 2) “Autonomização”, ou a delimitação de um campo de especialistas em torno de uma disciplina, capazes de serem convencidos ou entrarem em controvérsia; 3) “Alianças”, ou o recrutamento do interesse de grupos não científicos, como militares, governamentais e industriais; 4) “Representação Pública”, ou o conjunto de efeitos produzidos em torno do cotidiano dos indivíduos; e 5) “Os vínculos e nós”, que dizem respeito ao coração conceitual, que amarra todos os demais circuitos. Sem a circulação e mobilização de todos esses circuitos não é possível entender a perseverança de um trabalho científico, como de Joliot, na tentativa de montagem de uma bomba de nêutrons. Para a montagem dessa bomba é necessária não apenas uma rede de conceitos científicos, mas a constituição de laboratórios, a parceria de especialistas, e o interesse do governo, da indústria e dos militares, além da opinião pública.

Como as psicologias circulariam nesses circuitos? Quanto à “Mobilização do mundo”, deve-se dizer que as técnicas de inscrição desse saber produziram (ou extorquiriam) testemunhos não mais de objetos, mas de sujeitos. Mesmo quando se verifica que essas técnicas de inscrição são em geral capturadas de outras ciências como física, química ou biologia (conferir Stengers, 1989). O problema é que no campo psicológico, as técnicas de mobilização forjadas não circulam de forma livre em sua extensão; elas trafegam apenas no campo de uma determinada orientação onde ela pode ser forjada. Não seriam o que Latour (2001, p. 350) designa como “móveis imutáveis”, uma vez que as técnicas de inscrição “permitem novas translações e articulações, ao mesmo tempo em que mantêm intactas algumas formas de relação”. Na psicologia, em sua pluralidade teríamos diversos “imóveis mutáveis”, como veremos mais adiante, graças à sua relação de produção de subjetividade no trato com o público.

No que tange à “Autonomização”, nós temos entre os psicólogos algo que Canguilhem (1973) designa como um consenso mais pacífico do que lógico, dado o conjunto de orientações e projetos presentes em nosso campo. Além da nossa geopolítica fragmentada ao modo da russa ou iugoslava, podemos dizer também que nossas fronteiras são bastante porosas, abrindo-se nas mais diversas direções: psiquiatria, pedagogia, administração e neurociências, criando vários espaços indiferenciados ou zonas neutras. Nossas relações, às vezes são mais sólidas com o espaço externo do que com o interno, proporcionando aqui algo mais semelhante talvez à geopolítica curda. Talvez aqui de modo mais claro que em qualquer um dos circuitos a nossa pluralidade.

Quanto às “Alianças”, estas têm sido ambíguas, pois se é registrável um interesse cada vez maior do setor privado, governamental e mesmo militar, esse interesse não é comparável ao depositado nos demais setores científicos. Se inicialmente esse interesse se centrava no campo da seleção para uma determinada aptidão ou perícia, hoje ele preenche outras funções, como no campo da saúde. De toda forma esses interesses estão ancorados no que Foucault (1976) designou como ‘biopoder’. Trata-se de um conjunto de dispositivos aptos a classificar os indivíduos dentro de uma gradação de normalidade/anormalidade e operando estratégias coletivizantes (biopolíticas) e singularizantes (anátomo-políticas), visando majorar as suas forças produtivas e vitais.

Mas essas alianças operadas ignoram a complexidade e pluralidade do nosso campo, mantendo alguma fé em nosso suposto saber sobre a natureza humana. Fé que é muito mais ampla no campo das “Representações Públicas”, mesmo guardadas algumas desconfianças. É aqui que podemos reconhecer a grande força das psicologias, pois, mais do que produzir testemunhos isentos de sujeitos, elas extorquem testemunhos (Stengers, 1989), mais fabricam do que revelam nossos eus. Para se ter isto em conta, basta tomar certas orientações psicológicas com maior poder de difusão, como a Psicanálise – não conseguimos nos relacionar conosco ou com os demais sem categorias como as de Inconsciente ou Complexo de Édipo. Neste ponto é que podemos dizer que as psicologias produzem ‘imóveis’ (pois só circulam no interior de certas orientações) ‘mutáveis’ (transformando e fabricando a experiência dos sujeitos). Se a ciência para Latour (2002) é construtivista e realista, a psicologia é só construtiva, no caso, das nossas subjetividades. Se algo une as diversas psicologias é a sua múltipla capacidade de fabricar sujeitos.

Essa idéia é de resto consonante com a distinção operada por Latour entre a recalcitrância dos seres não-humanos em oposição à obediência à autoridade científica dos seres humanos: “Contrariamente aos não-humanos, os humanos têm uma grande tendência, quando colocados em presença de uma autoridade científica, a abandonar qualquer recalcitrância e se comportar como objetos obedientes oferecendo aos investigadores apenas declarações redundantes, confortando então esses investigadores na crença de que eles produzem fatos ‘científicos’ robustos e imitam a grande solidez das ciências naturais” (s.d., 2.4, minha tradução).

Tudo isso proporciona que a psicologia seja composta de uma série de “nós e vínculos” conceituais parciais sem um nó maior que a amarre. Esse nó é frouxo até mesmo na definição do que vem a ser a psicologia (ciência das condutas? dos fenômenos mentais? da experiência? do inconsciente?). Podemos dizer, portanto, que a psicologia é composta por vários sistemas circulatórios, mas que não se comunicam entre si; somente com os diversos tecidos da rede social

e com as redes das demais práticas científicas, bordando e moldando a nossa subjetividade de acordo com algumas orientações. É como se fosse uma máquina múltipla, que operasse na captura de modelos oriundos das ciências naturais e de certas práticas sociais tradicionais e na produção de certas formas de existência. O que produz essa curiosa configuração?

### **A psicologia como um efeito colateral da modernidade purificadora**

Mesmo com as poucas referências à psicologia nos textos de Latour, podemos encontrar interessantes sugestões sobre as possíveis fontes de dispersão do campo psicológico. A hipótese aqui adotada é que a psicologia é produto da “impossível modernidade”, constituída no século XVII na tentativa irrealizável de clivagem e purificação de entes humanos e naturais, tal como descrita em *Já-mais fomos modernos* (1994). Os entes humanos tornaram-se a partir de então assunto da política, tendo a sua representação nos parlamentos, ao passo que os seres naturais passaram a ser tema das ciências, sendo representados nos laboratórios. Segundo Latour, o marco histórico dessa clivagem pode ser encontrado na discussão sobre o vácuo que opôs Boyle e Hobbes. O primeiro sustentou a existência do vácuo apelando para uma nova forma de testemunho, mais poderoso que o de cidadãos dignos – os experimentos laboratoriais, cujas verdades calariam as vozes dissonantes. Hobbes, por sua vez, tentou negar a existência do vácuo apelando para uma teoria dedutiva geral que servisse para unificar o reino inglês esfacelado em guerras civis. Apesar da discussão de Hobbes sobre o vácuo, sua principal herança foi a sua filosofia política sobre o Estado, em que todos os cidadãos estariam representados pelo rei. Apesar de Boyle ter produzido escritos políticos, perseverou entre nós apenas a sua contribuição científica e a invenção dos laboratórios como os nichos da verdade dos entes naturais.

Contudo, a modernidade produziria como efeito colateral dessa tentativa de divisão e purificação a proliferação dos híbridos, seres com marcas ao mesmo tempo humanas e naturais. Mas, o que ressalta em Latour não é apenas a descrição dessa irrealizável constituição moderna, mas a revalorização do que escapava a essa segregação clara e distinta: começa-se a descortinar todo um império do centro, povoado de híbridos e “fe(i)tiches”,<sup>2</sup> seres mestiços, que, de acidentais na sua indefinição, passam a possuir primazia ontológica. Estes não são mais compreendidos como o produto da indevida mistura de entes puros e bem compartimentados desde o princípio, mas como a linha mestra de uma rede ontológica de onde se purificam os entes extremos e secundários. Como a psicologia se configura nesse projeto moderno?

<sup>2</sup> *Fe(i)tiches* é uma tradução para o jogo de palavras *faitiches*, algo que é fato e fetiche ao mesmo tempo; real ao mesmo tempo que produzido por nós. Um modo de existência que incluiria os objetos científicos e os sujeitos (livres e produzidos ao mesmo tempo), que os irmanaria aos fetiches produzidos pelos primitivos.

Em outro texto, *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches* (2002) Latour sustenta que a psicologia operaria de modo simétrico ao da epistemologia, atuando como uma bomba de sucção dos seres híbridos, dos “fe(i)tiches” no plano subjetivo. Posto que, se no plano objetivo, a epistemologia busca os fatos objetivos a par das nossas crenças, estas passam a ser delegadas a um plano subjetivo de interioridade, domínio da psicologia. A psicologia nada mais faria do que o ‘serviço sujo’, o trabalho de dar conta do que a epistemologia excluiu criticamente dos nossos seres objetivos. Nas palavras de Canguilhem (1973, p. 119), a tarefa da psicologia seria a de fornecer uma desculpa do espírito perante a razão. De fato, a tarefa inicial da psicologia no século XIX seria a de se tornar uma ciência objetiva dos erros da nossa subjetividade, buscando a verdade de nossos erros. Mesmo em nome de uma verdade triunfante, nada mais híbrido.

No entanto, essa é apenas uma das diversas formas nas quais a psicologia é fundada. Além da busca de desculpa aos nossos erros, que levou à fundação da psicologia na Alemanha, no final do século XIX, outras questões levarão ao surgimento de outras psicologias. É assim que no mesmo período, na França e em outros países da Europa Central, a questão do conhecimento e do controle da loucura leva à fundação da psicologia enquanto estudo dos estados mentais mórbidos; nos Estados Unidos desponta uma psicologia funcional com base na busca de conhecimento, classificação e ajustamento dos indivíduos às novas instituições modernas – escolas, exércitos e linhas de montagem – e aos novos regimes de trabalho; e na Inglaterra, essa mesma busca de adaptação encontra na teoria da Seleção Natural uma poderosa aliada, conduzindo a uma psicologia diferencial – estudando as populações a partir de habilidades distribuídas em torno da curva normal – e outra comparada – perfilando as faculdades e habilidades humanas em contraste com as dos animais.

Mas não são apenas essas questões oriundas das práticas sociais modernas que moldam as psicologias no século XIX. Existe uma forma peculiar de fazer ciência por parte dessas psicologias que é moldada pelas críticas de pensadores como Immanuel Kant e Augusto Comte às suas formulações do século XVIII. Tais críticas, quanto à falta de uma forma de conhecimento objetivo e matematicamente formalizado, conduzem as psicologias em busca de modelos em outras ciências como a fisiologia e a física (na Alemanha), biologia (nos Estados Unidos e na Inglaterra) e as Ciências Informativas, mais recentemente. É desta forma que essas questões oriundas das práticas sociais ganham representatividade nos laboratórios e em diversos modelos científicos, conduzindo a uma hibridação única.

Mesmo com o surgimento de novas escolas, com novas questões, a psicologia mantém o seu afã hibridizante. O problema, bem colocado por Pierre Gréco (1970), afirma que a psicologia deseja fazer

ciência daquilo que escapa à própria ciência, do que é posto entre parênteses no ato científico: as representações equivocadas, a desadaptação, os desejos humanos em sua desmedida patológica. Promove-se uma nova mistura do que havia sido bem segregado na modernidade: objetiva-se (naturaliza-se) o sujeito e subjetiviza-se o objeto científico. 'Psicologia' torna-se uma palavra inconciliável, em que para haver *logos* (ciência), é necessário excluir a *psiqué*, e para se considerar esta, é impossível a mediação do *logos*. Essa hibridação, contudo, nada tem a ver com o monismo mestiço dos pré-modernos; para que esta nova mistura ocorra é necessário que a busca de purificação moderna tenha se processado, e se ampliado ao ponto de que cada um dos domínios segregados na modernidade lance suas redes na direção do seu oposto. Latour ao longo de sua obra toma como exemplos privilegiados de hibridação a representação social dos seres naturais nos dias de hoje: partidos verdes, concílios sobre o clima e o meio ambiente. Mas e a representação laboratorial e natural dos seres humanos operada pela psicologia? No caso da psicologia, trata-se da ampliação do domínio científico na direção daquilo de que ele havia se segregado – as qualidades secundárias, ou as nossas representações mentais patológicas, as crenças e a busca de ajustamento –, ao mesmo tempo em que a política e a administração passam a buscar substratos científicos na sua disseminação.

A psicologia seria exemplar enquanto efeito colateral inesperado pelos paladinos dos entes puros em expansão: o encontro nesta região central de miscigenação plural, onde os híbridos se multiplicam ao infinito. Trocando em miúdos, a psicologia é um espaço forte de mestiçagem, onde operadores científicos das ciências naturais se fundem a conceitos antropológicos, reificando certas práticas sociais. É assim que na psicologia alemã gestaltista o exame da experiência ingênua (visando o controle dos erros) culmina no equilíbrio físico das formas, coroado pela compreensão do homem como um ser naturalmente inteligente e compreensivo do mundo que está à sua volta; no behaviorismo americano, a tentativa de disciplinamento das atividades humanas na educação e no trabalho conduz à força dos condicionamentos e ao entendimento do homem como um ser maleável na sua relação com o ambiente; na psicanálise, as práticas de confissão e o esforço de desvelar as fontes dos nossos mais íntimos desejos e conflitos psíquicos nos levam a uma visão do homem como um ser desejante, marcado pela impossibilidade de equilíbrio energético dentro do ciclo pulsional.

Deve-se dizer que esse efeito hibridizante é contrário às intenções puristas dos diversos fundadores da psicologia, e que se radicaliza a cada nova refundação e tentativa de purificação por parte desse saber. Daí também decorre o fato de a psicologia ser constantemente atacada pelos críticos puristas, estrangeiros para além das fronteiras

dessa região central: para os epistemólogos, ela seria demasiado política e plural; para os críticos sociais, má política e por demais naturalista. Críticas que por sua vez instigam novas tentativas de fundações purificadoras, e por conseguinte o surgimento de mais e mais híbridos. Hibridação que já havia sido denunciada por Foucault em *As palavras e as coisas* (1966), como parte do “círculo antropológico”. Poderia ser igualmente dito: “círculo naturalizante”.

### Conclusão

Para que essa representação natural dos seres humanos? Qual seria o papel desses operadores das ciências naturais nesta ‘intrusão’ no domínio humano? Essa mistura com as práticas sociais e os conceitos antropológicos serviria, antes de tudo, na produção de individualidades, subjetividades e verdades interiores; nas palavras de Latour: “eus fabricados artificialmente” (1998b), “fe(i)tiches (*faitiches*) tecno-subjetivos” (2002). Esses conceitos e operadores naturais forneceriam um transcendental a partir do qual gravitaria a nossa experiência: boas formas, sensações, invariantes funcionais, módulos informacionais, pulsões e operantes, constituindo os fundamentos empírico-transcendentais de nossas subjetividades. Além de determinar uma norma e uma determinação natural para a nossa liberdade. Poderíamos ver aqui conforme Latour (2002, cap. III) mais um fetiche produzido pela crítica moderna, o da nossa autonomia enquanto “atores humanos livres” e da nossa determinação a partir de estrangulamentos naturais. É neste sentido que se pode dizer que na psicologia não se hibridizam apenas homem e natureza, mas na sua seqüência uma subjetividade cindida entre um domínio empírico e outro transcendental, e uma forma de individualização autonomizante e outra controladora. Gestando sujeitos, indivíduos e interioridades. Nesses termos, a psicologia talvez nada produza de novo, mas possui, contrária à sua vontade, uma função de ligação e mistura digna do deus Hermes. Por que não efetivar esse efeito colateral concreto em norma, recusando a norma ideal de purificação impossível – trata-se de um importante catalisador de hibridações – proposta pelas epistemologias, tomando-se a interdisciplinaridade, a mestiçagem, a antropofagia e a hibridação como signos fortes para este saber? A psicologia não seria nem moderna, nem pré-moderna, nem mesmo pós-moderna – que nada mais seria que o sentimento de desencanto e impossibilidade mediante o fracasso moderno –, mas nas palavras de Latour: simplesmente a-moderna na sua prática. Aqui a necessidade imperativa de uma pragmática forte, que dê conta da fabricação de nossos sujeitos híbridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canguilhem, Georges  
1973 O que é psicologia?  
*Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 30/31, p. 104-23.
- Foucault, Michel  
1976 *História da sexualidade*.  
Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel  
1966 *As palavras e as coisas*.  
Lisboa: Portugália.
- Gréco, Pierre  
1970 Epistemología de la Psicología.  
In: Piaget, Jean (org.) *Lógica y Conocimiento científico*.  
Buenos Aires: Proteo. p. 11-63.
- Latour, Bruno  
2002 *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(it)tiches*.  
Bauru: Edusc.
- Latour, Bruno  
2001 *A esperança de Pandora*.  
Bauru: Edusc.
- Latour, Bruno  
1998a Os filtros da realidade.  
Separação entre mente e matéria domina reflexões acerca do  
conhecimento. *Folha de S. Paulo*, 4.1.1998, "Mais!", p. 15.
- Latour, Bruno  
1998b Universalidade em pedaços.  
*Folha de S. Paulo*, 13.9.1998, "Mais!", p. 3.
- Latour, Bruno  
1997 As variedades do científico.  
*Folha de S. Paulo*, 2.11.1997, "Mais!", p. 3.
- Latour, Bruno  
1994 *Jamais fomos modernos*.  
Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Latour, Bruno  
1991 The Impact of Science Studies on Political Philosophy.  
*Science, Technology & Human Values*, v. 16, n. 1, p. 3-19.
- Latour, Bruno  
1985 Les "vues" de l'esprit.  
Une introduction à l'anthropologie des sciences et des techniques.  
*Culture technique*, v. 14, p. 5-29.
- Latour, Bruno  
1983 Give me a Laboratory and I Will Rise a World.  
In: Knorr, Karin; Mulkay, Michael (ed.) *Science Observed*.  
London: Sage Publications. p. 141-74.
- Latour, Bruno  
s.d. *How to talk about the Body*.  
Disponível em: [www.ensmp.fr/~latour/articles.htm](http://www.ensmp.fr/~latour/articles.htm), acesso em 2003.
- Stengers, I.  
1989 *Quem tem medo da ciência?*  
São Paulo: Siciliano.

Recebido para publicação em fevereiro de 2005.

Aprovado para publicação em junho de 2005.